OLHA DE SÃO PAULO – PAGINA: A 3 - CAD.:/COL.: OPINIÃO - DATA: 6.12.2001

Uma mulher na Presidência?

ROSE MARIE MURARO

CONFESSO que o alardeado fenômeno Roseana Sarney me preocupa. É impossível que um homem faça governo baseado em desenvolvimento, com justiça social, no sistema neoliberal. E muito menos uma mulher. No próprio país considerado modelo do neoliberalismo globalizado, os EUA, a exclusão aumenta constantemente e atinge a de 60% dos operários norte-americanos não tiveram nenhum benefício com a tão propalada globalização.

No Brasil, o panorama foi pior. A dívida pública disparou durante o governo FHC e vamos mantendo o vergonhoso 79º lugar no ranking do IDH (Índice do Desenvolvimento Humano, feito pelas Nações Unidas).

Vale, portanto, que nos detenhamos em alguns dados sobre o Maranhão, um dos mais pobres Estados do Brasil, abrangendo a década de 1990 a 2000.

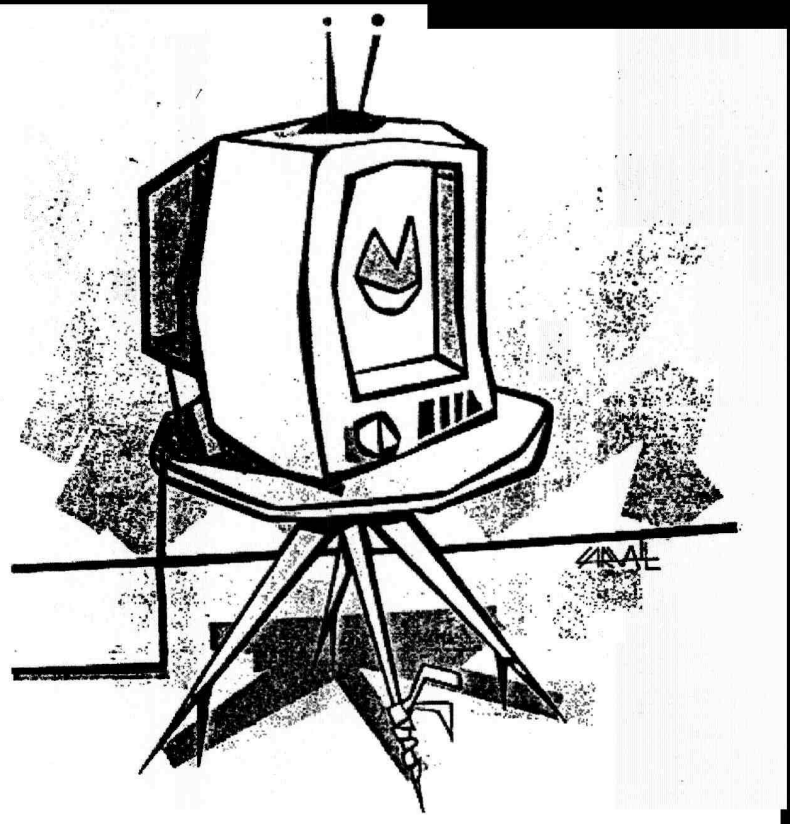
Em 1999, o IDH do Maranhão (Ipea/PNud) era de 0,547 (o terceiro pior do Brasil). Segundo os dados do IBGE (2000), a taxa de analfabetismo dos maiores de 15 anos era de 28,8% (o terceiro pior); o analfabetismo funcional, de 52,8% (o segundo pior). O número de médicos por habitante era de 1 para 1.200 (a pior comparação de todos os estados brasileiros). A taxa de mortalidade infantil é de 54,2 por 1.000 (a quarta pior). E assim vai.

Quanto aos números de exclusão social, 52,9% das famílias têm uma renda mensal de meio salário mínimo (abaixo da linha da pobreza), ou seja, perto de 3 milhões de maranhenses são miseráveis. Mas, para a FGV, o Maranhão tem o maior número de miseráveis do país: cerca de 3,5 milhões de pessoas.

Desde 1993, o Maranhão apresenta o menor PIB per capita do país. Quanto à distribuição de riqueza, o IBGE afirma que enquanto os 50% mais pobres participavam de 16,4% da renda, em 1999, e os 1% mais rico detinha 15,8%, isto é, quase o mesmo valor.

Isso mostra que mesmo as novas estratégias usadas pela governadora como a reforma administrativa com que ganhou legitimidade e apoio da população— nada mais são do que uma modernização conservadora das velhas estruturas de dominação das elites dirigentes, criando uma ilusão de participação e cidadania. Essa reforma, conjugada à adoção de políticas compensatórias, é intermediada por políticos da base governista, os quais reciclam o sistema de apadrinhamento e cooptação, enfraquecendo os movimentos sociais e fortalecendo o poder central.

Assusta-me muito mais o marketing que está sendo feito sobre a governadora, manipulando a sua condição de mulher. Assisti a um desses programas. Ele usava o discurso feminista de maneira estrita, sem propostas concretas. Pareceu-me vazio, tal como o discurso de esquerda usado pelos políticos de direita em épocas eleitorais. Sinceramente acho que, até hoje, Roseana não mostrou a que veio. Ao contrário. Tudo indica que ela e seus marqueteiros estão usando uma estratégia de espetáculo, em cima da figura da mulher.



Tudo indica que Roseana e seus marqueteiros estão usando uma estratégia de espetáculo, em cima da figura da mulher

Devido às denúncias generalizadas de corrupção e de uso da máquina do Estado pelos políticos homens, a população está ávida por novidade! E essa mudança vem por meio da mulher considerada, por boa parte do eleitorado, mais honesta e até mais competente.

Entre ser presidente da República homem e ser presidente mulher vai uma grande diferença. O sistema neoliberal foi criado pelo patriarcado, isto é, ele é "masculino". E uma mulher que entra nele, se não tiver muito claro o que é ser mulher, torna-se pior do que os homens. Aí ela pode prejudicar durante gerações todo o trabalho de transformação que nós, feministas, estamos tentando fazer nesse sistema.

Uma presidente mulher no Brasil tem por obrigação criar e implementar políticas de inclusão de gênero, de classe e de etnia. E isso muda a própria natureza do Estado. Se não tiver o apoio maciço da população, nada conseguirá, porque irá ferir os interesses da elite.

Atualmente, estão sendo feitas no Brasil algumas experiências pontuais de reforma do Estado com um enfoque de gênero. Presenciei algumas —e até participei também. Esse tipo de trabalho silencioso mas radicalmente criativo de algumas mulheres será objeto de um próximo artigo, mas posso afirmar que são transformadores não só da natureza do Estado, mas da vida da sociedade inteira. Mais do que nunca é essencial uma política de inclusão da mulher, pois ela é 50% da força de trabalho.

O que não posso tolerar é que esses valores —que são um anseio da população— sejam usados como pretexto para que as coisas permaneçam como estão.

Neste mesmo espaço ("Tendências/Debates", pág A3, 30/11), quando o prefeito do Rio de Janeiro se referia a novos valores vindos da mulher, ele o fazia na tentativa de utilizá-los para manter o sistema econômico.

Senhor Cesar Maia, valores novos sem economia nova são, no mínimo, má fé!

Rose Marie Muraro, 70, escritora e feminista, é membro fundadora do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e autora, entre outros, de "Memórias de uma Mulher Impossível".